

ANTES DE NASCER O MUNDO: JESUSALÉM E A GÊNESE DE SILVESTRE VITALÍCIO

Léia da Silva Gomes Torres (UNEMAT)
Vera Lúcia da Rocha Maquêa (UNEMAT)

RESUMO: O presente artigo realiza uma análise comparativa entre a obra literária *Antes de nascer o mundo* ou *Jesusalém* do escritor Mia Couto e narrativas da bíblia, com o estudo dos nomes das personagens do romance, apostando no intertexto entre o romance e a bíblia. No romance a ficção nos é apresentada embutida na realidade, repleta de experiências sensoriais com percepções de realidade. O construto do enredo nos permite entender o aspecto existencial vivido pelas personagens, na busca de identidade e memória. A luta de cada personagem é existencial, cada qual tenta entender sua origem e encontra no vazio de *Jesusalém* o esvaziar-se de si mesmo. Jesusalém representa o indizível, o mais íntimo dos sentimentos e a maior sensação de perda da humanidade. A perda da memória, da origem e da tradição. Em *Antes de nascer o mundo* a memória foi negada a princípio, mas reestabelecida na construção narrativa. A alegoria da Gênese da bíblia e as identidades constituídas instigaram esta vertente analítica, através da intertextualidade. O olhar desta pesquisa é voltado para o indivíduo que habita fronteiras, que desliza de uma a outra margem sem, contudo, se fixar em lugar nenhum, representando os entre-mundos, a terceira margem, por meio das personagens de periferia apresentadas na obra coutiana e nas narrativas bíblicas. Temos nessa perspectiva personagens numa representação simbólica dos textos em análise.

PALAVRAS-CHAVE: MIA COUTO. GÊNESE. JESUSALÉM. JERUSALÉM.

Este artigo se propõe a uma reflexão sobre a gênese do mundo, a qual, tem sido contada há milhares de anos no intuito da compreensão da cultura judaico-cristã, relatando o início da existência humana na Terra. O livro de Gênesis, que é o primeiro livro da bíblia, possui uma narrativa didática e cronológica que nos apresenta uma literatura explicativa da origem do universo e da origem humana. A bíblia é um livro de literatura bem estruturada, sua base literária reforça mensagem específica, tem em sua primeira parte a história da criação, da gênese, na qual nos ateremos para aproximarmos dois textos literários da gênese humana, o primeiro livro da bíblia – Gênesis – e a obra *Antes de nascer o mundo* ou *Jesusalém* em título original, de Mia Couto.

Segundo relatos da bíblia Adão é o primeiro ser humano criado pelas mãos divinas, depois vem a criação de Eva a partir de um membro do corpo de Adão, selando assim a união entre homem e mulher. No relato bíblico Eva trai a confiança de Adão ao

comer o fruto proibido e dá-lo a Adão para que também o coma. Ao comerem o fruto são expulsos do paraíso e passam a arcar com a responsabilidade do sustento, da dor e da morte. Deus os castiga pela desobediência e os submete um ao outro.

Na literatura de Mia Couto, através do romance *Antes de nascer o mundo*, temos a negação da origem humana através da concepção do nascimento oriundo de uma mulher, desconstruindo a ideia da gênese do cristianismo. A personagem criadora de um outro mundo, de um mundo paralelo é um homem, Silvestre Vitalício, que diz que parira os seus filhos e ao mesmo tempo recria um mundo a margem de conceitos pré-estabelecidos.

Essa nova gênese nos é apresentada de forma desordenada e desconexa. O mundo acabara e surge uma nova humanidade através de cinco homens em idades diversas. Silvestre Vitalício é o inventor de um novo mundo, de um novo modo de pensar que nos leva a uma reflexão sócio-política e cultural, quando a origem pode não ser tão importante quanto o estabelecido. Mesmo que de forma autoritária e às avessas, essa desconstrução identitária leva o indivíduo a repensar identidades e lugar de pertencimento, pois no romance a ordenação de uma nova criação é humana.

A ficção romanesca nos é apresentada embutida na realidade, repleta de experiências sensoriais com percepções de realidade. O construto do enredo nos permite entender o aspecto existencial vivido pelas personagens, na busca de identidade e memória. A luta de cada personagem é existencial, cada qual tenta entender sua origem e encontra no vazio de Jesusalém o esvaziar-se de si mesmo.

A construção das personagens não é ao acaso, mas sim didaticamente estudada, na primazia da representação semântica do texto e na alcunha do intertexto da gênese bíblica. O romance, nega a memória em sua narrativa, mas a resgata na nominação das personagens e lugar, uma boa comparação é o título da obra Jesusalém em alusão a cidade de Jerusalém.

No título da obra *Jesusalém* com foi publicado em Portugal, Mia Couto realiza construção simbólica de um espaço de conflito ideológico na alusão do nome da cidade de Jerusalém. Em Jesusalém Silvestre Vitalício nega a existência da humanidade e da figura feminina e em Jerusalém vive-se até os dias de hoje o conflito religioso entre o Judaísmo, o Islamismo e o Cristianismo.

Antes de nascer o mundo é uma obra dividida em três livros, no primeiro temos a humanidade representada pelos habitantes de Jesusalém, o segundo livro trata da visita da portuguesa Marta a Jesusalém e o terceiro livro que nos traz o desfecho da obra no

retorno dos seres humanos que viviam em Jesusalém a Maputo, capital de Moçambique. A organização da obra em livros é semelhante a organização dos livros da bíblia.

A história do romance acontece numa fazenda isolada do mundo, a qual Silvestre Vitalício deu o nome de Jesusalém, onde vivem cinco homens, sem passado e sem memória. Um lugar de interdição, de negação da própria origem humana, onde o homem existe e pronto.

[...] Meu pai dera um nome ao lugarejo. Simplesmente chamado assim: “Jesusalém”. Aquela era a terra onde Jesus haveria de se descruificar. E pronto, final. Meu velho, Silvestre Vitalício, nos explicara que o mundo terminara e nós éramos os últimos sobreviventes. Depois do horizonte, figuravam apenas territórios sem vida que vagmente designava por “Lado-de-lá”. Em poucas palavras, o inteiro planeta se resumia assim: despido de gente, sem estradas e sem pegadas de bicho. Nessas longínquas paragens, até as almas penadas já se haviam extinto (COUTO, 2009, p.11).

Silvestre Vitalício, pai autoritário, é um dos cinco homens que vivem em Jesusalém e comanda os demais com rigor, ultrapassando os limites da lucidez na tentativa de recriar o mundo. Ele neutraliza qualquer tentativa de resgate do passado, da memória individual ou coletiva. Em Jesusalém todos deveriam receber um nome novo, como se estivessem se convertendo a uma nova ordem, como na bíblia temos o batismo na representação da vinda do messias. E nesse renascimento Mateus Ventura passa a se chamar Silvestre Vitalício, Orlando Macara a Tio Aproximado, Ernestinho Sombra a Zacaria Kalash, Olindo Ventura a Ntunzi Sombra e Mwanito ficaria com o mesmo nome, pois para Silvestre o filho mais novo ainda estava nascendo.

Em um mundo de imperfeições, sem passado, sem memória, Silvestre Vitalício, às vezes, demonstra se perder em pensamentos que o atormentam. Diz aos filhos que os pariu, tomando para si o papel de genitor, criando um mundo às avessas, que causa estranheza às personagens e ao leitor. Silvestre é homem confuso, mas exerce grande poder persuasivo sobre os filhos, se coloca como o intelectual dessa nova existência humana em Jesusalém. Num mundo de interdição, ele diz que é proibido chorar, lembrar e rezar; aprisionando em definitivo cada ser àquele mundo paralelo e fantasioso.

A alucinada condição de Silvestre o faz negar o mundo para não se lembrar de Dordalma, nem como a perdeu. Jesusalém é o refúgio do desassossego de sua alma. Silvestre Vitalício nega o mundo para não admitir a perda. Dordalma é sua verdadeira negação.

Jesusalém é um lugar de negação do passado, é a demarcação de um novo espaço, um espaço vazio a ser preenchido pelo nada, pois a memória foi negada. O interdito é constante na falta de diálogo, na construção do afinador de silêncio. Silvestre Vitalício proibiu aos seus sonhar, lembrar, chorar e rezar. E assim, instaura um “novo mundo” e uma nova “humanidade”.

A narrativa é enredada por diversas temáticas, como toda a obra coutiana. O conflito psicológico das personagens, margeia o real e o imaginário na construção do conflito existencial e na busca de uma identidade a ser revelada. Silvestre Vitalício foge do mundo real que lhe traz tanto sofrimento, o mesmo sofrimento que o povo moçambicano traz na alma e na reconstrução do país. Jesusalém representa o indizível, o mais íntimo dos sentimentos e a maior sensação de perda da humanidade. A perda da memória, da origem, da tradição do povo moçambicano, sob a interferência da cultura europeia por meio do processo de colonização.

A tentativa autoritária de negação da memória por Silvestre Vitalício é fadada ao fracasso, pois rastros identitários se alastraram por toda Jesusalém. Ntunzi traz consigo esses rastros de identidade ao fantasiar o que poderia ter sido vivido por ele e pelos outros antes de se ausentarem da cidade na fuga para Jesusalém. A memória de um povo, de uma nação não se apaga. O próprio existir já representa uma identidade.

O renascer aos olhos de Silvestre Vitalício na alegoria do nome das personagens

Ian Watt (2010), no texto “*O realismo e a forma do romance*”, relata a estruturação do texto romanesco quanto ao tempo e espaço e nos remete à engenhosidade dos escritores e filósofos dos séculos XVI a XVIII na escolha do nome das personagens e sua construção identitária. O autor afirma que no gênero romance a tradição coletiva é substituída pela experiência individual, e as personagens são constituídas a partir dessa premissa.

A nomeação das personagens se dá em nome e sobrenome, situação em que o nome pode vir da ficção, mas o sobrenome vem da tradição. Há que se pensar ainda nas personagens que não possuem nomes: qual a sua significação na narrativa? Reportemo-nos ao romance que se firmou a partir do século XVIII. A constituição do nome e sobrenome não segue mais normas rígidas e os escritores agem com liberdade na

escolha do nome das personagens, todavia, os nomes escolhidos representam a identidade particular de cada indivíduo.

E é isso que vemos na obra *Antes de nascer o mundo*, de Mia Couto, a nominação de suas personagens, que mesmo fazendo alusão a personagens bíblicos, constitui identidades particulares e individuais. A construção dessas personagens se dá a partir de suas origens – Portugal e Moçambique – e dos espaços físico, psicológico e histórico no construto da narrativa coutiana, além do tempo cronológico e psicológico vivido na coutada e na cidade. No estudo dos nomes das personagens de *Antes de nascer o mundo*, apostamos no intertexto entre o romance e a bíblia, na correlação de nomes e personagens às avessas.

As personagens de *Antes de nascer o mundo* relevantes para este estudo são: Silvestre Vitalício, Dordalma, tio Aproximado, Mwanito, Ntunzi, Zacaria Kalash, Marta e Jezibela, a jumenta. Observemos como cada personagem fará menção a um momento histórico ou social que o autor quer destacar.

Silvestre Vitalício possui nome composto. Silvestre é uma palavra que se origina do latim e se refere a algo que descende do mato. É selvagem e bravio. Vitalício se refere a algo que dura a vida inteira. São características que aludem à personagem de Mia Couto, que é forte, autoritário e constrói um espaço inimaginável para velar a dor do ultraje que sua esposa Dordalma passou e a levou ao suicídio. Uma dor que se perpetuará por toda a sua existência. A mesma dor sentida pelo povo moçambicano, no ultraje do processo colonial.

Dordalma é a representação da dor mais intensa da humanidade. Uma dor incontida, que só a conhece, quem a tem. A dor d'alma é uma ferida que dói escondida no fundo da alma, ninguém vê nem pode tocar, mas ela está lá. A personagem Dordalma tem em seu nome a saga da mulher africana, que em tempos de colonização e de guerra tem o seu corpo ultrajado e o seu amor violado. Os filhos de Dordalma representam o povo moçambicano, nos nomes de dialetos da terra e na esperança da reconstrução, Mwanito e Ntunzi.

Para Silvestre Vitalício, Jesusalém é um lugar de negação, que faz homens e animais desaparecerem da terra, como no episódio da bíblia que relata o dilúvio e o surgimento de uma nova humanidade, (A BIBLIA DA MULHER, 2008, p. 17). A personagem Silvestre Vitalício defende a ideia do surgimento de uma nova humanidade em Jesusalém, mas algo incompreensível, pois não houve nenhum acontecimento que justificasse a sua teoria. Sem arca como no dilúvio, sem rasgão de clarão ou fogo, como

em Sodoma e Gomorra (A BIBLIA DA MULHER, 2008, p. 33 e 34). Para Silvestre era assim o mundo havia acabado e pronto.

Terminara o universo sem espetáculo, sem rasgão nem clarão. Por definhamento, exaurido em desespero. E assim, vagamente, meu pai derivava sobre a extinção do cosmos. Primeiro, começaram a morrer os lugares-fêmeas: as nascentes, as praias, as lagoas. Depois, morreram os lugares-machos: os povoados, os caminhos, os portos. (COUTO, 2009, p. 22).

Jusalém é “a terra onde Jesus haveria de se descruificar” (COUTO, 2009, p. 11) e o lugar em que “um dia, Deus nos virá pedir desculpa” (COUTO, 2009, p. 20). Jusalém se torna o último lugar a ter existência humana. Uma humanidade sem memória, sem lembranças. “– Este é o país derradeiro e vai-se chamar Jusalém.” (COUTO, 2009, p. 37). Em Jusalém Silvestre rompe definitivamente com o mundo exterior; sua dor o faz sucumbir.

Veze sem conta perguntávamos: porque estávamos ali, longe de tudo e de todos: Meu pai respondia:
- O mundo acabou, meus filhos. Apenas resta Jusalém.
Eu era crente das palavras paternas. Ntunzi, porém considerava tudo aquilo um delírio. Inconformado, voltava a indagar:
- E não há mais ninguém no mundo?
Silvestre Vitalício inspirava como se a resposta pedisse muito peito e, fazendo soltar um demorado suspiro, murmurava:
- Somos os últimos. (COUTO, 2009, p.21)

Silvestre Vitalício nega história e memória, mas não nega o cristianismo; ele ainda espera a volta de Jesus para ser descruificado, e a vinda de Deus, para pedir desculpas pela violência que se abateu sobre a vida de sua mulher Dordalma. Na bíblia o ato do suicídio é condenado com morte eterna, em Jusalém Silvestre Vitalício atribui essa responsabilidade a Deus, Dordalma foi vítima de violência sexual e Deus não a protegeu, tal violência justificaria o suicídio.

Já a cidade de Jerusalém – capital de Israel – citada na bíblia é considerada uma cidade sagrada com mais de três mil anos de história e o centro do judaísmo, do islamismo e do cristianismo. Está localizada no Oriente Médio, numa das rotas comerciais mais importante do oriente. Carrega aspectos sagrados de relato bíblico, possui posição geográfica defensiva, pois foi construída sobre colinas rochosas. É envolta por muralhas e uma de suas principais portas é a de Damasco, tão citada em relatos bíblicos.

Jerusalém é um lugar de disputa de tentativa de sobreposições de culturas e religiões. Uma situação insuperável ainda hoje. É também lugar por onde Jesus passou em sua peregrinação na terra, segundo o livro da bíblia de Mateus, capítulo 21, versículos 1 e 2: “Quando se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, ao monte das Oliveiras, enviou Jesus dois discípulos [...]” (A BIBLIA DA MULHER, 2008, p. 1193). O conflito ideológico e de identidades é a semelhança entre a cidade de Jerusalém e a coutada Jesusalém na obra de Mia Couto.

É uma cidade considerada santa, pois toda a história de Jesus narrada na bíblia nos dá conta de que ele peregrinou por Jerusalém e arredores até a sua morte e ressurreição. Segundo a bíblia, no livro de II Samuel, capítulo 05, os Jebuseus dominaram a cidade durante duzentos anos, quando o rei Davi a conquistou. No reinado de Davi, Jerusalém se torna a capital de Israel, do povo de Deus. É o lugar para onde foi elevada A Arca da Aliança. “Edificou ali Davi ao SENHOR um altar, e apresentou holocaustos e ofertas pacíficas. Assim, o SENHOR se tornou favorável para com a terra, e a praga cessou de sobre Israel” (A BIBLIA DA MULHER, 2008, p. 440).

A cidade de Jerusalém é palco de grandes acontecimentos históricos e religiosos. Na bíblia há vários relatos de visitas de Jesus a Jerusalém:

Desperta, desperta, veste-te da tua fortaleza, ó Sião, veste-te das tuas roupagens formosas, ó Jerusalém, cidade santa, porque não mais entrará em ti nem incircunciso nem imundo. Sacode-te do pó, levanta-te e toma assento, ó Jerusalém: solta-te das cadeias de teu pescoço, ó cativa filha de Sião. Porque assim diz o Senhor: Por nada fostes vendidos; e sem dinheiro sereis resgatados. Porque assim diz o Senhor DEUS: O meu povo no princípio desceu ao Egito, para nele habitar, e a Assíria sem razão o oprimiu. Agora, que farei eu aqui, diz o Senhor, visto ter sido o meu povo levado sem preço? Os seus tiranos sobre ele dão uivos, diz o Senhor; e o meu nome é blasfemado incessantemente todo o dia. Por isso, o meu povo saberá o meu nome; porquanto, naquele dia, saberá que sou eu quem fala: Eis-me aqui que formosos são sobre os montes, os pés do que anuncia as boas novas, que faz ouvir a paz, que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina! Eis o grito dos teus atalaias! Eles erguem a voz, juntamente exultam; porque com seus próprios olhos distintamente vêem o retorno do SENHOR Sião. Rompei em júbilo, exultai à uma, ó ruínas de Jerusalém; porque o SENHOR consolou o seu povo, remiu a Jerusalém (A BIBLIA DA MULHER, 2008, p. 911).

Jerusalém é a terra do povo de Israel, povo guerreiro, povo denominado como povo de Deus, enquanto em Jesusalém temos um lugar de desterro e exílio. Uma construção de Jerusalém às avessas, uma reconstrução humana do mundo pela

personagem Silvestre Vitalício. Jesusalém é um espaço de reconstrução identitária. No campo psicológico, representa ainda, a reconstrução identitária do povo moçambicano.

No mundo criado por Silvestre Vitalício surge uma visitante, Marta. Ela vai a Jesusalém em busca de seu marido. De origem portuguesa e vindo de sua terra natal causa estranheza em um mundo habitado por homens. O nome dessa personagem nos reporta a uma personagem bíblica, a Marta, irmã de Lázaro e Maria, que na passagem bíblica hospeda Jesus em sua casa e a Marta da obra *Antes de nascer o mundo*, é quem se hospeda em Jesusalém.

Marta, personagem bíblica, vê o irmão Lázaro muito doente e pede a Jesus que venha depressa para curá-lo. Jesus demora dois dias e quando chega à casa de Marta, Lázaro já estava morto. Marta lamenta e chora aos pés de Jesus. Então ele vai ao túmulo de Lázaro e o ressuscita.

Indo eles de caminho, entrou Jesus num povoado. E certa mulher, chamada Marta, hospedou-o na sua casa. Tinha ela uma irmã, chamada Maria, e esta quedava-se assentada aos pés do Senhor a ouvir-lhe os ensinamentos. Marta agitava-se de um lado para o outro, ocupada em muitos serviços. Então, se aproximou de Jesus e disse: Senhor, não te importas de que minha irmã tenha deixado que eu fique a servir sozinha? Ordena-lhe, pois, que venha ajudar-me. Respondeu-lhe o Senhor: Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário ou mesmo uma só coisa; Maria, pois, escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada (A BIBLIA DA MULHER, 2008, P. 1274).

A personagem Marta que chega a Jesusalém também busca algo, tem uma identidade deslocada, indo ao encontro de uma memória perdida, tentando entender o porquê o marido – colonizador – não retornou a Portugal. Marta vai a Moçambique para reencontrá-lo, mas descobre que ele está morto.

Sou mulher, sou Marta e só posso escrever. Afinal, talvez seja oportuna a tua ausência. Porque eu, de outro modo, nunca te poderia alcançar. Deixei de ter posse da minha própria voz. Se viesses agora, Marcelo, eu ficaria sem fala. A minha voz emigrou para um corpo que já foi meu. E quando me escuto nem eu mesma me reconheço. Em assuntos de amor só posso escrever. Não é de agora, sempre foi assim, mesmo quando estavas presente. (COUTO, 2009, p. 131).

Zacaria é outro personagem que faz alusão a um personagem bíblico. Zacaria Kalash é um ex-militar que serve a Silvestre Vitalício em cumplicidade a um passado angustiante que as duas personagens negam lembrar. As lembranças que Zacaria Kalash permitia, eram apenas as de que sentia orgulho, como as marcas de balas no corpo em

combate de guerra. Ele vivia em Jerusalém a negação da memória, pois a ausência de Dordalma o fazia cúmplice de Silvestre Vitalício.

O Zacarias personagem da Bíblia era profeta, homem que tinha aliança com Deus. Segundo a bíblia, Zacarias era um sacerdote do templo de Jerusalém, pai de João Batista, que anunciaria a vinda de Jesus ao mundo. Na escrita do profeta Zacarias, temos três momentos da vida de Jesus na terra: a crucificação (A BÍBLIA DA MULHER, 2008, p. 1140), seu sofrimento (A BÍBLIA DA MULHER, 2008, p. 1141) e sua segunda vinda (A BÍBLIA DA MULHER, 2008, p. 1141-1142)

O nome Zacarias na Bíblia tem como significado “Deus lembrou”. Em Jerusalém é proibido lembrar, mas “Deus lembra” através de Zacarias. O sobrenome Kalash significa povo, língua. O povo Kalash vive no Paquistão. Com etnia e cultura distintas dos povos da região, habita como tribo. Foi apelidado pelos povos vizinhos de Kafir Kalash, um termo de origem árabe que significa descrente, que esconde, nega a verdade, assim como Zacaria Kalash escondeu e negou a verdade em Jerusalém para Mwanito e Ntunzi sobre a causa da morte de Dordalma.

A personagem Jezibela, que na obra coutiana personifica, é uma personagem à parte, pois desperta sentimentos adversos nas demais personagens do romance. A personificação em figura feminina contrapõe toda à masculinidade de Jerusalém. Poderíamos até dizer que é a única alma feminina permitida por Silvestre Vitalício.

Mais uma vez Mia Couto trabalha com um intertexto bíblico. É impossível não associar Jezibela à personagem bíblica Jezabel – rainha fenícia – que perseguiu os sacerdotes israelitas e cultuou os deuses fenícios. A rainha fez um casamento político, arranjado entre o reino de Israel e Tiro, e se tornou rainha em Israel. Exerceu uma grande influência sobre seu marido, o rei Acabe. Fez confusão religiosa junto ao povo de Israel, pois adorava Baal. Usou seu poder como rainha em benefício próprio. Segundo o livro de I Reis, Jezabel é a mulher poderosa e insubmissa que incita o marido contra os profetas do Senhor.

Porém, vindo Jezabel, sua mulher, ter com ele, lhe disse: Que é isso que tens assim desgostoso o teu espírito, e não comes pão? Ele lhe respondeu: Porque falei a Nabote, o Jizreelita, e lhe disse: Dá-me a tua vinha por dinheiro; ou, se te apraz, dar-te-ei outra em seu lugar. Porém ele disse: Não te darei a minha vinha. Então, Jezabel, sua mulher, lhe disse: Governas tu, com efeito sobre Israel? Levanta-te, come e alegre-se o teu coração; eu te darei a vinha de Nabote, o Jizreelita. Então escreveu cartas em nome de Acabe, selou-as com o sinete dele e as enviou aos anciãos e aos nobres que havia na sua cidade e

habitavam com Nabote. E escreveu nas cartas, dizendo: Apregoai um jejum, e trazei Nabote para a frente do povo. Fazei sentar defronte dele dois homens malignos, que testemunhem contra ele, dizendo: Blasfemaste contra Deus e contra o rei. Depois, levai-o para fora, e apredejai-o para que morra. E os homens da sua cidade, os anciãos e os nobres que nela habitavam fizeram como Jezabel lhes ordenara, segundo estava escrito nas cartas que lhes havia mandado (A BIBLIA DA MULHER, 2008, p. 4770. Bíblia, I Reis 21: 5 – 11).

A personagem bíblica Jezabel e a personagem de Mia Couto, Jezibela trazem consigo a insubmissão e o rompimento com as convenções sociais, num diálogo textual de alegoria. Jezibela foi assassinada, já a rainha fenícia teve o seu corpo despedaçado por cães.

O escritor engendra uma construção alusiva na nomeação de seus personagens e na construção identitária de cada um deles, trabalhando proximidades e afastamentos entre as personagens de sua narrativa e as personagens da Bíblia. As identidades representadas na obra de Mia Couto constituem a identidade do povo moçambicano, por meio de personagens que representam tradição e modernidade, identidade individual e identidade plural, além da representação da intelectualidade de um povo que se reconstrói no caos da guerra colonial e da guerra civil, permeando rastros identitários de colonizador e colonizado.

REFERÊNCIAS

ABDALA JR., Benjamin. *De Vóos e Ilhas: Literatura e Comunitarismos*. Editora Ateliê editorial. São Paulo, 2003.

_____. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais - um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural*. 2002.

_____. *Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX*. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

_____. *Literaturas de Língua Portuguesa: Marcos e Marcas*: Portugal. 2007.

_____. (org.) *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004.

A BIBLIA DA MULHER. 2ª ed. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2008.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. Interrogando a identidade. p. 70-104. Comentários: Sabin Mabordi (UBC – University of British Columbia). Tradução do comentário: Mariana Lustosa UFRGS).

BORGES COELHO, J. P. *Da violência colonial ordenada à ordem pós-colonial violenta; Sobre um legado das guerras coloniais nas ex-colônias portuguesas*. Bordeaux, Lusotopie, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2008.

CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas: estratégia para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2003.

COUTO, Mia. *A Confissão da Leoa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Antes de nascer o mundo*. Companhia das Letras, São Paulo, 2009.

_____. *E se Obama fosse africano?: e outras intervenções*. Companhia das Letras, São Paulo, 2011.

_____. *Pensatempos – Textos de opinião*. 2ª edição, Editorial Caminho S.A, Lisboa, 2005.

_____. *Vinte e Zinco*. Editorial Caminho. S.A, Lisboa, 1999.

MAQUÊA, Vera. *A escrita nômade do presente: literaturas de língua portuguesa/Vera Maquêa*. São Paulo: Arte & Ciência, 2010.

MATA, Inocência. *A Literatura Africana e a Crítica Pós-Colonial: Reconversões*. Editorial Nzila. Luanda, 2007.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2007.

MIA COUTO: um convite à diferença / organizado por Fernanda Cavacas, Rita Chaves, Tania Macêdo. São Paulo. Humanitas, 2013.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada história, teoria e crítica*. 2ª ed. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

SANTILLI, Maria Aparecida. *Estórias africanas: história & antologia*. Ática, São Paulo, 1985.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2001.

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding* / Ian Watt; tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.